

VELHICES SILENCIADAS: A COMUNICAÇÃO DA CIÊNCIA, A EPIDEMIA DE AIDS E AS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA HOMENS GAYS IDOSOS NO BRASIL

SILENCED OLD AGE: SCIENCE COMMUNICATION, THE AIDS EPIDEMIA,
AND PUBLIC POLICIES FOR ELDERLY GAY MEN IN BRAZIL

VEJECES SILENCIADAS: LA COMUNICACIÓN DE LA CIENCIA, LA EPI-
DEMIA DE SIDA Y LAS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA HOMBRES GAIS
MAYORES EN BRASIL

José Ardonio

■ Jornalista, pesquisador e mestre em Comunicação pela Unesp. Desenvolve pesquisas sobre comunicação, envelhecimento, diversidade e população LGBTQIAPN+, com ênfase nas experiências de homens gays idosos. Atua também em estudos sobre ciência, políticas públicas, memória e comunicação comunitária.

■ *Periodista, investigador y magíster en Comunicación por la Unesp. Desarrolla investigaciones sobre comunicación, envejecimiento, diversidad y población LGBTQIAPN+, con énfasis en las experiencias de hombres gays mayores. También investiga ciencia, políticas públicas, memoria y comunicación comunitaria.*

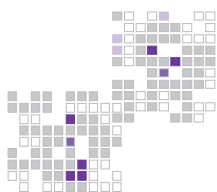
■ E-mail: joseardonio@gmail.com

Maximiliano Martin Vicente

■ Professor aposentado da UNESP (Bauru), livre-docente em História do Brasil (USP) e doutor em História Social (USP). Atuou no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática, lecionando e orientando pesquisas em Comunicação e História, processos midiáticos e práticas socioculturais, com foco em comunicação alternativa e contra-hegemônica.

■ *Profesor jubilado de la UNESP (Bauru), acreditado como "Livre-docente" en Historia del Brasil y doctor en Historia Social por la USP. Ha actuado en el Programa de Posgrado en Comunicación Mediática, impartiendo clases y dirigiendo investigaciones en Comunicación e Historia, procesos mediáticos y prácticas socioculturales, enfocándose en comunicación alternativa.*

■ E-mail: mm.vicente@unesp.br



RESUMO

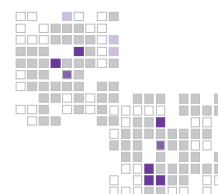
Este estudo investiga a interface entre Comunicação da Ciência, envelhecimento e diversidade, focando nas experiências de homens gays idosos no Brasil sob a perspectiva das "velhices silenciadas". O objetivo é analisar como a transição das mídias tradicionais (1980-1990) para as plataformas digitais contemporâneas impactou a construção da memória e o acesso ao conhecimento científico sobre saúde e HIV/AIDS. Metodologicamente, a pesquisa sustenta-se na triangulação de dados, utilizando a Análise de Conteúdo Temática e a Matriz Analítica Interseccional. O corpus documental inclui depoimentos biográficos e o confronto com fontes primárias, como o Boletim Epidemiológico de 1988. Os resultados apontam que, enquanto a mídia tradicional operou sob estigmas e silenciamentos institucionais, as mídias digitais funcionam como dispositivos de apropriação social e reparação simbólica. Conclui-se que o rigor metodológico aliado à perspectiva interseccional é fundamental para uma comunicação científica inclusiva, capaz de promover a dignidade e a cidadania de grupos historicamente marginalizados.

PALAVRAS-CHAVE: COMUNICAÇÃO DA CIÊNCIA; VELHICE LGBTQIAPN+; INTERSECCIONALIDADE; MEMÓRIA; HIV/AIDS.

ABSTRACT

This study investigates the interface between Science Communication, aging, and diversity, focusing on the experiences of older gay men in Brazil from the perspective of "silenced old age." The objective is to analyze how the transition from traditional media (1980-1990) to contemporary digital platforms impacted the construction of memory and access to scientific knowledge regarding health and HIV/AIDS. Methodologically, the research is based on data triangulation, using Thematic Content Analysis and an Intersectional Analytical Matrix. The documentary corpus includes biographical testimonies and a confrontation with primary sources, such as the 1988 Epidemiological Bulletin. Results indicate that while traditional media operated under institutional stigmas and silencing, digital media functions as a device for social appropriation and symbolic reparation. The study concludes that methodological rigor combined with an intersectional perspective is fundamental for inclusive science communication, capable of promoting dignity and citizenship for historically marginalized groups.

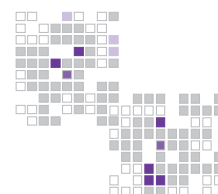
KEY WORDS: SCIENCE COMMUNICATION; LGBTQIAPN+ AGING; INTERSECTIONALITY; MEMORY; HIV/AIDS.



RESUMEN

Este estudio investiga la interfaz entre la Comunicación de la Ciencia, el envejecimiento y la diversidad, centrándose en las experiencias de hombres gais mayores en Brasil bajo la perspectiva de las "vejeces silenciadas". El objetivo es analizar cómo la transición de los medios tradicionales (1980-1990) a las plataformas digitales contemporáneas impactó en la construcción de la memoria y el acceso al conocimiento científico sobre salud y VIH/SIDA. Metodológicamente, la investigación se apoya en la triangulación de datos, utilizando el Análisis de Contenido Temático y la Matriz Analítica Interseccional. El corpus documental incluye testimonios biográficos y el contraste con fuentes primarias, como el Boletín Epidemiológico de 1988. Los resultados indican que, mientras los medios tradicionales operaron bajo estigmas y silenciamientos institucionales, los medios digitales funcionan como dispositivos de apropiación social y reparación simbólica. Se concluye que el rigor metodológico, aliado a la perspectiva interseccional, es fundamental para una comunicación científica inclusiva, capaz de promover la dignidad y la ciudadanía de grupos históricamente marginados.

PALABRAS CLAVE: COMUNICACIÓN DE LA CIENCIA; VEJEZ LGBTQIAPN+; INTERSECCIONALIDAD; MEMORIA; VIH/SIDA.



1 Introdução

Este artigo insere-se no debate fundamental sobre a Comunicação da Ciência como pilar essencial para a compreensão, disseminação e apropriação social do conhecimento, conforme proposto pela presente edição da *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*. A Comunicação Pública da Ciência, entendida como responsabilidade social inerente ao campo, exige que a pesquisa se debruce sobre a construção de uma cultura científica que contribua efetivamente para o planejamento social, a prevenção de riscos e a incorporação do conhecimento na prática cotidiana. Nesse contexto, torna-se imperativo explorar as discussões epistemológicas, teóricas e metodológicas que emergem das transformações nos processos de comunicação da ciência voltados para os diversos grupos sociais.

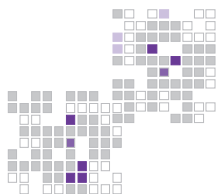
O envelhecimento da população LGBTQIAPN+ constitui um campo emergente e desafiador para a saúde pública e as políticas sociais no Brasil. Em particular, a trajetória de homens gays idosos é marcada por experiências singulares de estigma, discriminação e invisibilidade, agravadas pelas narrativas midiáticas e pela comunicação científica durante a epidemia de AIDS nas décadas de 1980 e 1990. A ausência de uma comunicação científica inclusiva e responsável naquele período não apenas moldou a percepção social sobre a homossexualidade e a doença, mas também perpetuou a marginalização e impactou profundamente a saúde e o bem-estar desses indivíduos ao longo da vida. Como destaca Jeronimo (2025), a comunidade LGBTQ+ enfrentou uma “lacuna” na década de 80, perdendo referências e enfrentando um ciclo de invisibilidade que se repete na velhice.

Quando a diretoria da Parada anunciou que o tema seria o envelhecer, foi uma grande alegria para nós, do conselho. A comunidade LGBTQ

passou por uma lacuna durante a década de 80 e perdeu muito das suas referências. Hoje, a gente consegue fazer — ou ao menos tentar fazer — com que esta geração tenha uma velhice melhor do que a minha. Infelizmente, temos uma geração que está chegando e que é muito ligada às questões do corpo, e isso nos devolve ao armário, pois não consegue nos enxergar, enquanto idosos, como pertencentes ao movimento. De certa forma, não aceitam que também irão chegar aos meus 62 anos. Essa postura volta a nos invisibilizar e faz com que revivamos tudo aquilo que, muitas vezes, já enfrentamos na juventude: ser expulso de casa, não ser aceito na escola, ter dificuldade para conseguir trabalho... Quando você chega à velhice LGBTQ, passa novamente por todo esse ciclo. Por isso, é de grande importância que a Parada deste ano tenha escolhido o envelhecimento como tema (Jeronimo, 2025).

Essa citação ilustra a urgência de uma comunicação que promova a aceitação e o reconhecimento da velhice LGBTQIAPN+. Em consonância com a necessidade de pesquisas que explorem a comunicação voltada para a advocacia social, este trabalho busca contribuir para o ideal de acesso universal ao conhecimento e para a democratização da ciência. Para assegurar o rigor científico e a transparência procedimental da investigação, os objetivos deste artigo são operacionalizados através de uma abordagem qualitativa, exploratória e histórico-crítica. A pesquisa fundamenta-se na triangulação de fontes — confrontando documentos oficiais, arquivos midiáticos e relatos biográficos — e sustenta-se em eixos analíticos fundamentais.

O primeiro eixo consiste na Análise de Conteúdo Temática, voltada a examinar criticamente as formas, os códigos, os conteúdos e os canais da comunicação científica e de saúde pública veiculados pelas mídias



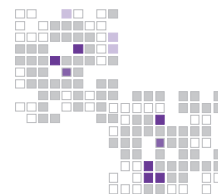
tradicionais durante a epidemia de AIDS (1980-1990) no Brasil, identificando núcleos de sentido que sustentaram o silenciamento e a estigmatização da comunidade de homens gays. Complementarmente, adota-se uma Perspectiva Interseccional e Narrativa para discutir a construção da alteridade e a invisibilização dessa população nos discursos científicos, avaliando os impactos na saúde de homens gays idosos por meio da técnica de amostragem por pertencimento histórico, visando resgatar trajetórias de vida marginalizadas nos registros oficiais. O trabalho propõe, ainda, um Diagnóstico de Políticas Públicas para identificar os desafios contemporâneos na implementação de cuidados de saúde para este grupo, contrastando a teoria institucional com as necessidades práticas reveladas pelos sujeitos, e explora o potencial da Reparação Simbólica em Ambientes Digitais como espaço de resgate da memória e circulação de uma comunicação científica mais inclusiva e representativa.

Para estruturar essa discussão, o artigo organiza-se em cinco seções principais: inicia-se pela Fundamentação Teórica, que discute a Comunicação da Ciência sob a matriz de dominação e interseccionalidade; segue para os Procedimentos Metodológicos, seção dedicada à descrição detalhada do corpus, critérios de seleção, procedimentos de coleta e justificativa para a abordagem qualitativa diante da invisibilidade estatística institucional. Na sequência, a seção Estigma e Discriminação analisa as narrativas da epidemia e a construção do “corpo abjeto” na mídia tradicional, enquanto a seção Políticas Públicas e Lacunas debate o etarismo e a heteronormatividade nos serviços de saúde atuais. Por fim, a seção Mídias Digitais e Memória examina o papel reparador das redes sociais na reconstrução das identidades LGBTQIAPN+, precedendo as considerações finais do estudo.

2 Fundamentação teórica: comunicação da ciência e perspectivas interseccionais

A Comunicação da Ciência, enquanto campo de estudo e prática, transcende a mera transmissão de informações, assumindo um papel crucial na construção de uma cultura científica que promova a equidade, a inclusão e a justiça social. Historicamente, a relação entre comunicação e saúde pública tem sido objeto de análise crítica, especialmente no que se refere ao papel da mídia na construção de narrativas sociais, políticas e culturais (Katz & Rice, 2002). No contexto de epidemias, como a da SIDA, a cobertura mediática tradicional nas décadas de 1980 e 1990 foi frequentemente marcada por estigma, desinformação e negligência, como observado por McGoogan (1989). Essa abordagem inicial, muitas vezes sensacionalista, reforçava estereótipos e dificultava a implementação de políticas públicas inclusivas e eficazes (Briggs, 2003). Autores como Foucault (1976) enfatizam que os meios de comunicação desempenham um papel central na produção de discursos de poder, que podem tanto marginalizar quanto promover direitos.

A “apropriação social do conhecimento”, conceito central para a ALAIC, exige que a comunicação científica não apenas difunda dados, mas também capacite comunidades a utilizarem esse conhecimento em sua prática cotidiana. Nesse sentido, a transcodificação de linguagens especializadas é fundamental para o acesso universal ao conhecimento. Para fins de rigor metodológico, esta transcodificação é aqui operacionalizada sob o prisma da Análise de Conteúdo Temática, observando-se como o silenciamento de termos técnicos e a predominância de categorias moralizantes moldaram a percepção pública sobre o “corpo gay” (Bardin, 2011). Nas últimas décadas, observa-se um movimento em direção a



discursos mais responsáveis, impulsionado por ativismos sociais (Chadwick, Marchi, & Miyazaki, 2014). Com o advento das mídias digitais, essa discussão ganhou amplitude, abrindo espaços para a reparação simbólica e a organização social (Lievrouw, 2011; McLuhan, 1964).

Para uma análise aprofundada das experiências de homens gays idosos no Brasil, este estudo adota a perspectiva interseccional desenvolvida por Kimberlé Crenshaw (1989). Patricia Hill Collins (2000) amplia essa noção através do conceito de “matriz de dominação”, argumentando que a opressão é multidimensional. Nesta investigação, a interseccionalidade não é apenas um conceito, mas a categoria analítica central que orienta a triagem dos depoimentos e a inferência dos resultados, permitindo identificar como o etarismo e a sorofobia se sobrepõem na trajetória de vida dos sujeitos. Esta abordagem fundamenta os critérios de categorização detalhados adiante, garantindo que a análise seja cientificamente rastreável.

Nota Técnica sobre o Rigor Metodológico: Para assegurar a validade científica e a transparência procedimental, os conceitos aqui discutidos são operacionalizados por meio de uma convergência de pilares fundamentais que constituem a triangulação metodológica deste estudo. A Análise de Conteúdo Temática, fundamentada em (Bardin, 2011), assegura que a investigação siga as fases rigorosas de pré-análise, exploração do material e tratamento das inferências, permitindo isolar núcleos de sentido nos discursos midiáticos e nos depoimentos coletados. A matriz analítica interseccional (Crenshaw, 1989; Collins, 2000) funciona como a chave de codificação para identificar as sobreposições de opressões, o que justifica a soberania dos dados qualitativos frente à lacuna e ao apagamento institucional identificado nas estatísticas oficiais brasileiras. Por fim, o rigor é consolidado pela triangulação documental com

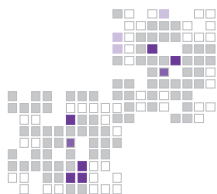
fontes primárias de época, especificamente o Boletim Epidemiológico de AIDS do Ministério da Saúde (1988). Este cruzamento documental e biográfico permite confrontar sistematicamente a comunicação oficial com as memórias de resistência, garantindo uma análise tecnicamente robusta e epistemologicamente situada.

3 Estigma e discriminação: narrativas da epidemia e a invisibilidade do corpo gay

Nesta seção, os resultados são apresentados através da Análise de Conteúdo Temática, processando o corpus documental e os relatos biográficos sob a ótica da Observação Qualitativa. A análise fundamenta-se no diálogo entre as narrativas dos participantes e os dados históricos, permitindo dimensionar a complexidade do ambiente de vulnerabilidade e repressão. Como pesquisador-observador, o olhar debruçou-se sobre as “marcas de memória” que definem a identidade desses homens hoje idosos.

3.1. A Espacialidade e a Hierarquização do Estigma

Historicamente, antes mesmo da AIDS, a homossexualidade no Brasil já era alvo de intensa marginalização. A emergência da Síndrome, nos anos 1980, sobrepôs-se a esse cenário, impondo a associação falaciosa entre doença e identidade (Facchini, 2005). Através da técnica de Identificação de Núcleos de Sentido, os relatos dos participantes — que compunham o movimento homossexual de São Paulo nas décadas de 1970 e 1980 — revelaram uma geografia do estigma. Espaços como a Rua Martins Fontes e o Trianon aparecem nos dados não apenas como locais de encontro, mas como palcos de hierarquias sociais. A distinção identificada na análise entre “homossexuais ricos” e aqueles de “vida normal” revela que a classe social era um filtro de acesso à informação e segurança, fator crucial para entender quem sobreviveu à epidemia.



3.2. A Institucionalização da Perseguição: O Estado como Vetor de Risco

A repressão estatal emerge na análise como um vetor central de estigma. A técnica de Análise de Discurso aplicada aos relatos permitiu codificar termos como o “carrinho da mamãe” e a exigência de “carteira profissional” como ferramentas de controle biopolítico. Esta vigilância constante não apenas cerceava a liberdade, mas reforçava a narrativa da homossexualidade como conduta “desviante”. Para o rigor metodológico, é fundamental destacar que a rotinização da violência (Carrara & Rique, 2018) preparou o terreno para a culpabilização generalizada com a chegada da AIDS, transformando o “direito à cidade” em um “risco de morte”.

3.3. A Epidemia como Catalisadora do Medo e a Observação dos Comportamentos

A chegada da epidemia intensificou o medo, catalisando percepções complexas dentro da própria comunidade. Como observado no processo de escuta ativa e categorização dos depoimentos, o estigma não vinha apenas de fora; ele era internalizado e reproduzido como forma de autoproteção ou julgamento moral. Um dos participantes, ao relatar sua vivência sob o rigor do olhar clínico e social da época, revelou a existência de uma visão interna sobre comportamentos de risco:

Então, muitos adotaram correr riscos, gostam de ‘adrenalina’, pra não dizer loucas irresponsáveis. Quando noticiam que algum homem foi encontrado morto em apartamento, já sabemos que era gay!! Pessoas que não têm amor à vida ou simplesmente querem satisfazer seu ego (Depoimento de participante da pesquisa).

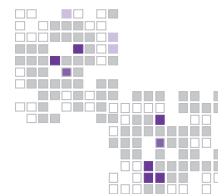
A análise das declarações dos participantes revela uma estrutura multifacetada que exige

uma decodificação cuidadosa através da Análise de Conteúdo. Por um lado, os dados apontam para uma internalização de juízos de valor sobre a responsabilidade individual, o que, metodologicamente, classificamos como o eco do discurso moralizante da época, onde a vítima era frequentemente culpabilizada pela sua condição. Por outro lado, a interpretação das trajetórias sublinha uma percepção aguda da vulnerabilidade e da precariedade da vida; as mortes de homens gays eram frequentemente associadas a circunstâncias ocultas ou violentas, num período em que a desinformação científica e o pânico moral se retroalimentavam. A falta de amparo institucional e a naturalização de mortes precoces surgem nos relatos como uma realidade objetiva, evidenciando o que a teoria define como a desvalorização biopolítica de corpos considerados “desviantes”.

Adicionalmente, os procedimentos de escuta ativa e categorização temática trouxeram à tona dinâmicas de poder e vulnerabilidade intrínsecas às relações afetivo-sexuais da época, expondo realidades duplamente marginalizadas pela clandestinidade e pelo medo. Um participante, ao descrever este cenário de exposição e a busca por autonomia em contextos de repressão, relatou:

Tive um colega casado (com mulher) e com filho, oficial de justiça, que não se contentava em encontrar um andarilho nas piores condições na rua sem levá-lo para casa. Dava um bom banho, roupas e dinheiro. Tinha relações sexuais frequentes e depois dispensava (Depoimento de participante da pesquisa).

O depoimento recolhido revela uma faceta profunda da exploração da vulnerabilidade de indivíduos em situação de rua por pessoas em posição de privilégio social, expondo uma dinâmica de poder que se tornou letal durante a emergência da epidemia de AIDS. Através



da Análise de Conteúdo, identificamos este fenômeno como um “vácuo de vigilância epidemiológica”: tais interações, invisibilizadas pela comunicação oficial da saúde, representavam vetores de risco para a transmissão do HIV que eram sistematicamente obscurecidos por estereótipos moralistas. Esta realidade evidencia o que a perspectiva interseccional denomina como a sobreposição de vulnerabilidades, onde a ausência de políticas habitacionais e de inclusão ampliava a exposição de corpos marginalizados a violências e riscos biológicos não contabilizados.

Os dados estatísticos do período, embora escassos, corroboram a severidade da crise. No final da década de 1980, os boletins epidemiológicos do Ministério da Saúde já registavam um crescimento exponencial de casos concentrados em homens adultos (Ministério da Saúde, 1988). No entanto, sob o rigor da análise crítica, a dificuldade em obter dados desagregados por orientação sexual não é lida aqui como uma falha técnica, mas como um indicador metodológico da invisibilidade institucional. A falta de estudos sobre as condições de vida da população LGBTQIAPN+ naquele período constitui, por si só, uma forma de estigma estatal. Pesquisas contemporâneas indicam que os quadros de sofrimento psíquico e solidão entre homens gays idosos estão diretamente ligados a este trauma histórico e à discriminação persistente (Rodrigues, Duarte, & Vieira, 2021).

Em suma, a epidemia de AIDS, operando num contexto de discriminação estrutural e de uma comunicação científica falha, consolidou um legado de invisibilidade que marca a trajetória atual desta geração. As narrativas apresentadas nesta investigação oferecem a dimensão qualitativa necessária para preencher as lacunas deixadas pela estatística oficial, fornecendo evidências empíricas de que o estigma foi — e continua a ser — um determinante social de saúde que as políticas públicas precisam urgentemente

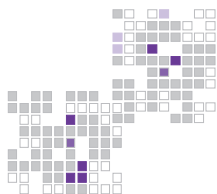
enfrentar por meio de uma reparação histórica e comunicacional.

4 Políticas públicas e a velhice lgbtqiapn+: lacunas e desafios contemporâneos

A transição da epidemia de AIDS para a fase de envelhecimento de seus sobreviventes, em paralelo ao surgimento de uma geração LGBTQIAPN+ com maior visibilidade, impõe um desafio central à gestão pública brasileira. Sob o rigor da Análise Interseccional, esta seção investiga como o Estado brasileiro falha em garantir o direito a uma velhice digna para uma população marcada por décadas de invisibilidade institucional. O diagnóstico aqui apresentado identifica que as políticas de saúde e assistência social no Brasil operam sob um modelo biomédico hegemônico, predominantemente heteronormativo e cisnormativo, que desconsidera as especificidades das trajetórias de vida e as identidades de gênero (Louro, 2000; Ceccarelli, 2012).

A primeira e mais fundamental lacuna identificada pela pesquisa é a ausência de dados estatísticos desagregados por orientação sexual e identidade de gênero em censos e pesquisas oficiais. Metodologicamente, interpretamos esta omissão como um “apagamento técnico” que impede o mapeamento preciso de demandas e a formulação de respostas eficazes. Sem o reconhecimento quantitativo de quem são e onde vivem esses indivíduos, a elaboração de políticas específicas torna-se um exercício limitado e sem base empírica governamental.

A análise qualitativa das trajetórias dos homens gays que sobreviveram à epidemia evidencia que o envelhecimento é atravessado por sequelas que transcendem a dimensão física. Identificamos o que a literatura denomina como trauma histórico acumulado: cicatrizes psicossociais decorrentes do estigma, da perda massiva de redes de apoio durante a crise de 1980 e do luto não reconhecido.



Esse cenário, quando confrontado com a falta de preparo dos serviços de saúde e espaços sociais, resulta em indicadores elevados de isolamento, depressão e ansiedade (Fernandes, 2019; Rodrigues, Duarte, & Vieira, 2021).

No âmbito da saúde pública, os resultados apontam para uma carência de estratégias de prevenção e promoção da saúde sexual que contemplem o idoso LGBTQIAPN+. A persistência de barreiras como o preconceito de profissionais e a ausência de espaços seguros para o diálogo reflete a falha na formação profissional continuada. De modo análogo, a rede de assistência social — incluindo Centros de Convivência (CCIs) e Instituições de Longa Permanência (ILPIs) — raramente oferece protocolos de acolhimento à diversidade, forçando muitos idosos a um “retorno ao armário” por temor à discriminação (Fernandes, 2019).

Para que o Estado brasileiro supere o etarismo e a heteronormatividade estrutural, os resultados desta investigação propõem diretrizes de reparação fundamentadas no rigor analítico e na urgência social. Primeiramente, destaca-se a necessidade de uma sistemática de dados que institucionalize a coleta de indicadores demográficos específicos, permitindo o reconhecimento técnico dessa população. No âmbito do cuidado, propõe-se a criação de programas de saúde mental especializada, focados no tratamento do trauma geracional e histórico decorrente da epidemia de AIDS, aliados ao desenvolvimento de uma ambiência inclusiva mediante protocolos de acolhimento que validem as identidades de gênero e orientações sexuais na rede de proteção social.

Ademais, a pesquisa aponta para a importância

da capacitação interseccional, por meio de uma revisão curricular para profissionais de saúde e assistência que aborde a velhice em sua multiplicidade, e a implementação de políticas de memória que reconheçam a história da epidemia como componente indissociável das necessidades de saúde dessa geração. Em suma, a implementação destas diretrizes não representa apenas uma adequação técnica, mas um compromisso ético com a reparação histórica e a garantia da dignidade para uma parcela da população que foi duplamente silenciada pelo tempo e pelo estigma institucional.

5 Análise detalhada das mídias digitais: espaços de reparação, memória e comunicação científica

A emergência e a consolidação das mídias digitais configuram um novo paradigma para a comunicação da ciência e para a construção de narrativas sociais. Sob a ótica da Análise Comparativa, observa-se que, para a comunidade LGBTQIAPN+ e, em particular, para homens gays idosos, esses espaços virtuais têm se revelado ambientes promissores para a reparação simbólica e o resgate de memórias históricas (Lemos, 2013). Diferentemente dos veículos tradicionais das décadas de 1980 e 1990, que atuaram como amplificadores de estigmas, as mídias digitais permitem a agência dos sujeitos, que passam a ocupar as redes para resgatar memórias da epidemia de AIDS por meio de arquivos digitais e depoimentos biográficos. Iniciativas como o projeto “Histórias que o Tempo Não Apaga” são categorizadas nesta pesquisa como dispositivos de memória ativa, transformando o espaço digital em um *locus* de resistência contra o apagamento histórico. Conforme sistematizado na Tabela 1.

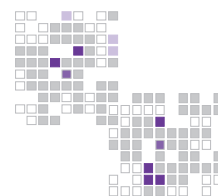


Tabela 1 – Síntese da Análise Comparativa entre Modelos Comunicacionais (1980-Atualidade)

Critério de Análise	Mídias Tradicionais (1980-1990)	Mídias Digitais (Atualidade)
Papel do Sujeito	Passivo; indivíduo rotulado como "grupo de risco" e "ameaça social".	Ativo; sujeito com agência narrativa e participação direta na construção do discurso.
Abordagem da AIDS	Pautada no sensacionalismo, estigma, desinformação e negligência.	Focada em educação, prevenção inclusiva e redes de suporte afetivo.
Construção da Memória	Marcada pelo silenciamento institucional e pela invisibilização do corpo gay idoso.	Voltada para o resgate de arquivos, compartilhamento de depoimentos e resistência histórica.

Fonte: Elaboração do autor com base em dados da pesquisa qualitativa e análise de conteúdo temática (2025).

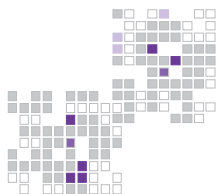
Nesse cenário, a comunicação da ciência assume um caráter plural ao discutir saúde sexual e envelhecimento em uma linguagem que dialogue diretamente com as vivências da população idosa. Este processo de transcodificação de linguagens especializadas, conforme preconizado pelas diretrizes da ALAIC, permite que o jargão técnico da prevenção e da gerontologia seja traduzido em narrativas sensíveis e culturalmente contextualizadas, fomentando uma cultura científica inclusiva. Tal apropriação representa um avanço na Comunicação Pública da Ciência, que se torna menos verticalizada e mais dialógica. Contudo, o rigor analítico exige reconhecer os limites desse paradigma, como o “abismo digital” que exclui idosos sem letramento tecnológico e a proliferação de *fake news* e discursos de ódio, fatores que demandam estratégias robustas de curadoria e ética na manipulação de dados.

Apesar desses desafios, o potencial de reparação das mídias digitais é substancial, pois oferece

uma plataforma para que vozes historicamente silenciadas compartilhem experiências de resiliência, integrando-as ao registro histórico e cultural. A investigação aponta que o futuro desta comunicação pode ser potencializado pela Inteligência Artificial, desde que aplicada para otimizar a disseminação de informações confiáveis e personalizadas sob uma ética de respeito à diversidade. Em suma, a colaboração entre pesquisadores e ativistas digitais consolida as redes como espaços de advocacia social, essenciais para a garantia do direito a uma velhice digna e para a efetiva democratização do conhecimento científico.

6 Considerações finais

Este artigo buscou analisar a intersecção entre a comunicação científica, a epidemia de AIDS e as políticas públicas no Brasil, com foco crucial nas experiências de homens gays idosos. Através de uma metodologia qualitativa e de cunho



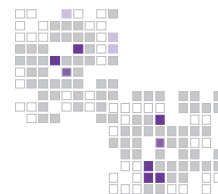
histórico-crítico, a investigação revelou como as narrativas midiáticas tradicionais das décadas de 1980 e 1990 contribuíram para a estigmatização da comunidade LGBTQIAPN+. Essa construção de uma alteridade negativa reverberou em impactos duradouros na saúde e na trajetória social desses indivíduos, consolidando um legado de invisibilidade que demanda, hoje, uma comunicação da ciência mais ética e socialmente engajada.

As lacunas nas políticas públicas voltadas para a velhice LGBTQIAPN+ foram destacadas como um desafio contemporâneo urgente. Conforme discutido na seção metodológica, a ausência de dados estatísticos desagregados nos censos oficiais não é apenas uma barreira técnica, mas um reflexo de uma visão heteronormativa do envelhecimento que negligencia as especificidades dessa população. A carência de programas de saúde mental e de formação interseccional para profissionais reforça a necessidade de políticas que reconheçam essas trajetórias de resistência.

A análise comparativa realizada neste estudo demonstrou que, em contraste com as deficiências das mídias tradicionais, as mídias digitais emergem como espaços de grande potencial para a reparação simbólica. Ao resgatar memórias e fomentar a produção de conteúdo pelos próprios grupos, essas plataformas promovem a democratização do conhecimento e a “advocacia social”, essenciais para o letramento científico inclusivo.

Para o desdobramento de pesquisas futuras, sugere-se a investigação do impacto da COVID-19 na saúde mental e nas redes de apoio de homens gays idosos já submetidos a vulnerabilidades históricas, além do desenvolvimento de análises comparadas internacionais voltadas à identificação de melhores práticas globais no envelhecimento LGBTQIAPN+. Mostra-se igualmente premente o aprofundamento de estudos sobre literacia digital, com foco em estratégias de comunicação adaptadas a este público, e investigações sobre o uso ético da Inteligência Artificial na disseminação de informações de saúde para comunidades historicamente marginalizadas.

Em suma, este estudo contribui para o campo da Comunicação da Ciência ao evidenciar a necessidade de uma prática comunicacional crítica e sensível às interseccionalidades. Ao conferir visibilidade às velhices silenciadas por meio de um rigoroso procedimento metodológico — pautado na triangulação de depoimentos, na análise de conteúdo temática e na revisão de documentos epidemiológicos oficiais — reafirma-se o compromisso de que a produção científica deve dialogar com as experiências vividas para consolidar-se como uma ferramenta efetiva de transformação social e garantia de direitos fundamentais.



Referências

- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Briggs, L. (2003). Tell the truth so as to engage the audience: Constructing HIV/AIDS narratives in the media. *Journal of Health Communication*, 8(4), 331–349.
- Carrara, S., & Rique, J. (2018). *Homens, masculinidades e sexualidades: Experiências de pesquisa no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Ceccarelli, P. R. (2012). A homossexualidade na velhice. *Reverso*, 34(63), 55–61.
- Chadwick, A., Marchi, R., & Miyazaki, A. (2014). *Digital media, power, and democracy: Innovations in participatory politics*. London: Routledge.
- Collins, P. H. (2000). *Black feminist thought: Knowledge, consciousness, and the politics of empowerment*. New York: Routledge.
- Crenshaw, K. (1989). Demarginalizing the intersection of race and sex: A Black feminist critique of anti-discrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. *University of Chicago Legal Forum*, 1989(1), 139–167.
- Facchini, R. (2005). *Sopa de letrinhas: Militância de homossexuais e travestis no Brasil*. São Paulo: Garamond; EDUSP.
- Fernandes, D. (2019). *Velhice LGBT: Uma análise da produção acadêmica sobre o tema no Brasil (Dissertação de Mestrado em Gerontologia)*. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Foucault, M. (1976). *Vigiar e punir: Nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes.
- Jeronymo, G. (2025, 22 de junho). Parada LGBTQ+ de SP discute o envelhecimento em meio à festa e reflexão. Agência Brasil. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2025-06/parada-lgbt-de-sp-discute-o-envelhecimento-em-meio-festa-e-reflexao>
- Katz, J. E., & Rice, R. E. (2002). *Social consequences of internet use: Access, involvement, and interaction*. Cambridge: MIT Press.
- Lemos, A. (2013). Apropriação e cultura digital: Novas configurações e velhos problemas. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 36(2), 53–73.
- Lievrouw, L. A. (2011). The new media demands new critical perspectives. In *The handbook of new media: Student edition*. London: Sage Publications.
- Louro, G. L. (2000). *Corpo, escola e identidade*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- McGoogan, J. M. (1989). Media representations of AIDS in the 1980s. *Social Science & Medicine*, 28(11), 1073–1080.
- McLuhan, M. (1964). *Understanding media: The extensions of man*. New York: McGraw-Hill.
- Ministério da Saúde (Brasil). (1988). *Boletim Epidemiológico AIDS*. Brasília: Ministério da Saúde.
- Rodrigues, L. F., Duarte, A. G., & Vieira, C. D. (2021). Práticas sexuais, percepção de risco e profilaxia pós-exposição de gays idosos. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 24(4), 559–568.

Artigo enviado em 28.12.2025 e aceito em 26.05.2026.

